RESUMOS

**Macau “A Salzburgo do Oriente”:
Do Sonho à Realidade. O Festival
Internacional de Música de Macau
Durante o Período de Transição
(1987-1999)**

A análise dos factos apresentados neste artigo pretende formular interrogações sobre o que aconteceu na área da música durante o Período da Transição (1987-1999). No Festival Internacional de Música (FIMM), percebe-se claramente a existência de duas perspectivas opostas: na primeira fase (1987-1991), uma perspectiva resultante de uma preocupação e interesse legítimos que tinham como principal propósito a realização e sobrevivência do certame mas que, ao mesmo tempo procuravam chamar a atenção e dar conta da sua perplexidade diante da realidade artificial que o Festival representava num meio cultural inóspito e, na segunda (1992-1999), uma perspectiva nitidamente institucional, que politicamente visava a manutenção do *status quo* mas que, pelas falhas aparentes, denunciava uma fraca avaliação do que eram as verdadeiras condições em que se realizava o Festival de Música e do seu papel na comunidade. Na área da música, a aposta em iniciativas de resultado imediato e, no caso específico do Festival, a ilusão auto-congratatória de que este, tão prematuramente, tivesse atingido a maturidade, foi, ano após ano, adiando o debate e a reflexão mais ponderada sobre questões de fundo. Terá o Festival cumprido sempre esta função? Segundo o autor, no contexto histórico, geográfico e social em que Macau se insere, a existência do FIMM poderia ter sido ainda mais rentabilizada se consigo tivesse trazido um maior desenvolvimento nas áreas educacional, profissional e artística. [Autor: Oswaldo Veiga Jardim, pp. 6-43]

**Auguste Borget: A Visão
de Um Pintor no Sul da China**

Em 1836, um jovem pintor natural da região de Berry, Auguste Borget (1808-1877), iniciou uma viagem de quatro anos à volta do mundo, viagem essa que o levará à América, China, Filipinas

e Índia. Regressado a França, decidiu-se por tirar proveito das impressões, esboços e desenhos que trouxera dessa viagem. Este artigo procura realçar tanto o lugar do pintor na história da pintura do seu tempo como a sua viagem para o Sul da China, ao longo do litoral das províncias do Sudeste, entre Agosto de 1838 e Julho de 1839, e o seu encontro com pintores como George Chinnery (1774-1852). Igualmente a sua amizade com J. A. Durrant, um comerciante francês que vivia em Macau e cuja ajuda foi essencial para Borget na China. Propomo-nos principalmente mostrar, através de desenhos e pinturas do artista preservados em várias coleções em França e no estrangeiro, o seu talento enquanto observador da natureza e dos homens, as fontes da sua inspiração, a qualidade e a sinceridade do seu testemunho da realidade chinesa, e as suas várias pesquisas estilísticas. Ensaíamos, finalmente, e tomando como comparação a abordagem feita por Chinnery, perceber melhor o que tem de pessoal o exotismo de Borget e quais as suas inovações estilísticas.

[Autora: Barbara Giordana, pp. 44-56]

**Paisagens Etnográficas de Macau
e do Sul da China em *A Chinesinha*,
de Maria Pacheco Borges,
e *Aquarelas de Macau 1960-1970*,
de Ana Maria Amaro**

Macau tem sido representada de forma realista na literatura ocidental, e *A Chinesinha*, de Maria Pacheco Borges, e *Aquarelas de Macau 1960-1970: Cenas de Rua e Histórias de Vida. Um Olhar Retrospectivo, Um Olhar de Saudade*, da antropóloga Ana Maria Amaro, inscrevem-se nessa mesma tradição literária, prestando-se as temáticas das obras a uma leitura em torno da representação das imagens “etnográficas” do enclave pelas narradoras cujos olhar e atitude se assemelham aos de uma etnógrafa. Analisaremos, assim, as imagens ou paisagens cultural, ou etnográfica, e natural de Macau e da província de Guangdong nas obras

em questão. Este artigo resulta da abordagem comparatista das antologias de Maria Pacheco Borges e Ana Maria Amaro com base em dois estudos isolados sobre cada uma das antologias que o autor apresentou em Florença (Congresso Internacional “Imagens de Macau e do Oriente nas Literaturas de Língua Portuguesa”, 2010) e no Funchal (Congresso Internacional “Viagens Cruzadas - Mobilidade e Transferências”, 2010).

[Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 65-87]

**Retrato Sociodemográfico dos
“Portugueses de Hong Kong”
(1879-1949)**

Entre os diversos territórios, dispersos pelo mundo, onde se constituíram as diferentes comunidades macaenses da diáspora, Hong Kong representa um especial significado histórico-geográfico. Historicamente, os “portugueses de Hong Kong” formaram a primeira comunidade da diáspora macaense, a partir de 1842. Do ponto de vista geográfico, a proximidade com o território de origem confere-lhe especificidades que não são comuns a outras comunidades como, por exemplo, a de Xangai. Neste artigo, propomo-nos fazer um retrato sociodemográfico da comunidade macaense que se instalou em Hong Kong. Para concretizarmos este objectivo recorreremos aos registos efectuados pelos macaenses que viviam naquela colónia britânica nos “Livros de Matrícula dos Cidadãos Portugueses” do Consulado de Portugal, entre 1879 e 1949, complementados com as informações disponíveis na obra de Jorge Forjaz, *Famílias Macaenses*. [Autor: Alfredo Gomes Dias, pp. 90-101]

**Um Homem na Sombra
de Magalhães: Francisco Serrão,
o Primeiro Europeu nas Ilhas
Molucas (1511-1521)**

As informações biográficas sobre Francisco Serrão, o primeiro português a estabelecer-se no arquipélago das Molucas por volta de 1511, onde morreu em 1521, são

RESUMOS

escassas e contém elementos inconsistentes sobre o seu perfil e acções. Tudo foi intencionalmente distorcido para efeitos da disputa entre portugueses e espanhóis relativamente a este arquipélago. Embora sejamos conhecedores de muitos aspectos da actividade desenvolvida por Francisco Serrão em terras asiáticas, nada se sabe sobre a sua vida antes de sair de Portugal para a Índia. Esperava-se há muito um ensaio biográfico sobre esta personagem tão importante, que iniciou a presença portuguesa na zona oriental da Indonésia e cujas acções tiveram uma influência decisiva nos acontecimentos posteriores. Com o presente texto, assumimos o desafio, embora poucos elementos da sua vida possam ser estabelecidos de forma indubitável, em particular, sobre a influência que exerceu sobre Magalhães, que preparou a sua famosa expedição com base nas informações fornecidas por Francisco Serrão. Este artigo visa igualmente passar em revista as primeiras expedições portuguesas ao arquipélago das Molucas, ao mesmo tempo que aborda a história política do princípio do século XVI na região, com a qual as actividades desenvolvidas por Francisco Serrão tiveram uma estreita ligação.
[Autor: Manuel Lobato, pp. 102-120]

Contributo dos Missionários Portugueses para a Linguística Japonesa: Sobre João Rodrigues e os Contornos Linguísticos da Primeira Gramática Japonesa
Arte da Lingoa de Iapam

Os missionários portugueses analisaram e tentaram redigir uma gramática de uma língua que não lhes era familiar, centrando os seus esforços no estilo de uma moderna gramática ocidental. João Rodrigues, que fora educado num seminário japonês, foi o primeiro a compilar uma gramática da língua japonesa, *Arte da Lingoa de Iapam*. Esta gramática tem um importante significado na história da linguística japonesa e é um grande contributo para os estudos nesta área. Após várias fases de desenvolvimento, o processo de estudar japonês e organizar gramáticas, iniciado pela Companhia de Jesus, atingiu um elevado nível. depois

de comparar com *Emmanuelis Alvares e Societate Iesu De Institutione Grammatica Libri Tres* e de descrever a organização, o teor e as características da *Arte da Lingoa de Iapam*, o presente artigo analisa as perspectivas linguísticas que estão reflectidas na *Arte* e a sua influência nas gerações subsequentes.
[Autor: Chen Fangze, pp. 121-132]

Do Sião a Guangdong e Macau: Uma Nota sobre o Mangusto em Fontes das Dinastias Ming e Qing

O ponto de partida para esta nota de investigação está numa curta citação da *Aomen jilüe*, que se relaciona com um animal com o nome de *menggui*. A análise da passagem referida e dos termos relacionados encontrados em diversas fontes de diferentes períodos sugere que a criatura em questão deveria ser uma espécie de mangusto. O mangusto indiano é bem conhecido, particularmente pela sua extraordinária capacidade de caçar ratos e cobras. Fontes chinesas referem-se a este mangusto no contexto do Sudeste Asiático, por exemplo, em descrições relacionadas com o Sião e Annam. Além disso, afirmam igualmente que estes animais existiam em Macau e eram vendidos nos mercados de Guangzhou. Além disso, as crianças macaenses conservavam-nos como animais de estimação. Neste contexto, em termos mais genéricos, o presente artigo apresenta um contributo filológico para a história natural e história do comércio marítimo de Macau.
[Autor: Roderich Ptak, pp. 133-142]